

O ARCHEOLOGO PORTUGUES

COLLECCÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUES

PREHISTORIA — EPIGRAPHIA



NUMISMATICA — ARTE ANTICA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1900

SUMMÁRIO

- O CALIX DE OURO DO MOSTEIRO DE ALCOBAÇA: 161.
PROTECÇÃO DADA PELOS GOVERNOS, CORPORAÇÕES OFFICIAES E INSTITUTOS SCIENTIFICOS Á ARCHEOLOGIA: 166.
NOTÍCIAS VÁRIAS: 167.
CONTOS PARA CONTAR: 168.
ANALECTA EPIGRAPHICA LUSITANO-ROMANA: 170.
VESTÍGIOS ROMANOS NO CONCELHO DE VIANNA DO CASTELLO: 175.
MUSEU MUNICIPAL DA FIGUEIRA DA FOZ: 177.
ELEMENTOS PARA A SOLUÇÃO DE UM PROBLEMA ARCHEOLOGICO: 184.
EXTRACTOS ARCHEOLOGICOS DAS «MEMORIAS PAROCHIAES»: 187.
INSCRIPÇÕES ROMANAS DO MINHO: 192.

Este fascículo vae illustrado com 7 estampas.



O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLEÇÃO ILUSTRADA DE MATERIAES E NOTÍCIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. V

1898-1900

N.º 8

O calix de ouro do mosteiro de Alcobaça

(Continuação do n.º 5, pag. 134)

Rev.º P.º Mestre. — Entre as duas ultimas de V. Rev.º que, aliás, estimei com a devida veneração, e depois de ter respondido á primeira, chegou ao nosso prior, o Dr. Fr. Francisco Caetano, uma do Rev.º D. Gaspar, prior do real mosteiro de S. Vicente de Fóra, na qual, por serem amigos, lhe podia as lettras do calix.

Esta carta, junta á de V. Rev.º, avivou em todos nós a magua de não haver aqui quem soubesse debuxar o calix com a perfeição que V. Rev.º desejava, quando, neste meio, chegou a segunda de V. Rev.º; pelo qual, indo nós ver o outro calix no livro apontado¹, se arremessou um monge a ver se poderia fazer outro semelhante; e, para este effeito, chamámos tambem ao mestre apparelhador que aqui trazemos nas obras, para tomar as medidas certas. Finalmente, sahiram com um rascunho, o melhor que pôde ser; e, como o prior teve mais parte na obra, e, como nosso prelado actual, em ausencia do Rev.º, que anda no Alentejo, tem a primeira voz — o manda ao Rev.º D. Gaspar; e me diz que lá nessa côrte se podem, pelo que vae, tirar outros semelhantes; e, por eu entender da urbanidade de Rev.º D. Gaspar, a quem conheço de Coimbra, que estimará a occasião de lisonjear o gosto de V. Rev.º, participando-lh'o, e o rascunho feito custar muito a fazer, me accomodei. E peço a V. Rev.º muito por mercê me releve não o poder servir melhor, por ser cousa que eu não sei fazer, nem haver na terra quem a faça por dinheiro.

Espero, com boas novas de V. Rev.º, pelos papeis promettidos.

Deus guarde a V. Rev.º

8 de Dezembro de 1713. — De V. Rev.º subdito e orador affectuosissimo —
Fr. Manoel dos Santos.

¹ Parece faltarem neste ponto duas cartas: — uma de Fr. Manoel dos Santos, respondendo á que lhe dirigis, em 18 de Novembro, D. Manoel Caetano de Sousa; outra d'este, indicando, no intuito de facilitar a tarefa do desenho, um livro onde se encontrara reproduzido um calix.



Rev.^{ma} P.^a Mestre.—Por um homem que foi d'aquí a essa cidade, escrevi a V. Rev.^{ma}, respondendo á sua última; porém, voltou sem me dar certeza da entrega, o que me obriga a repetir o que dizia na outra.

Na mesma semana em que me chegou a de V. Rev.^{ma}, escreveu ao nosso prior o do real mosteiro de S. Vicente de Fóra, pedindo-lhe as lettras do calix; e, com effeito, lhe foram, e, juntamente, um debuxo ou rascunho do mesmo calix, feito por um monge, o melhor que pôde, e com muita paciencia, por ser pouco destro na arte. Por esta razão, não se atreveu a fazer outro para eu mandar a V. Rev.^{ma}, como desejava; nos quaes termos escrevi a V. Rev.^{ma}, dando-lhe conta, para que, pelo que foi ao prior de S. Vicente, fizesse tirar outro,—o que lhe seria facil nessa cidade, aonde nada falta.

Se a primeira carta não chegou a V. Rev.^{ma}, me perdoe o que pareceria dilatação na resposta, e me tenha na sua lembrança para todas as occasiões de seu serviço.

Deus guarde a V. Rev.^{ma}

28 de Dezembro de 1713.—De V. Rev.^{ma} subdito e orador affectuosissimo—
Fr. Manoel dos Santos.

Informação do calix de ouro

O calix de ouro do real mosteiro de Alcobaça é data do senhor rei D. Manoel, no tempo que governou este mosteiro, como tutor de seu filho, o senhor infante D. Affonso, commendatario d'elle. Colhe-se da memoria que vai na certidão, a qual, pelo feito da lettra e estar já gastada, se deixa ver que é escripta por quem vivia no tempo do infante; e, ao menos, que seja antiquissima, não se pôde duvidar; porque já quando o nosso illustrissimo Fr. Angelo Manrique ideava a grande obra dos seus *Anaes cistercienses*, que foi pelos annos de 1610, entre outras noticias que mandou pedir e lhe mandaram d'esta casa, foi esta memoria, que elle traz impressa no segundo tomo dos *Anaes*, na serie dos abbades perpetuos de Alcobaça, pag. 11, § 26. Confirma-se ser data de el-rei D. Manoel, porque o feito do dito calix mostra ser obra do mesmo artifice que obrou a custodia do mosteiro de Belem, que o dito rei tambem deu, segundo o que me dizem.

Pesa, com a patena, nove marcos de ouro. Tem lettras em quatro partes:—no pé; no principio da columna; no copo, e em dois passos do copo; porém, o papel impresso não faz menção mais que das primeiras duas. Nas lettras do copo, não falla.

A patena é lavrada toda ao buril. Da parte superior, tem o passo da ceia do Senhor, esmaltado de vermelho, e, ao redor, estas lettras: I H S; e nas costas, tem o passo da soledade da Senhora, tambem ao buril e esmaltado; mas já os esmaltes, em parte, cuspidos fóra.

No calix, estão doze passos da Paixão do Senhor, seis no pé e seis no copo. Os seis passos do pé são estes:—1.^o, o Senhor no horto: os tres apostolos dormindo, o anjo confortante, e o horto admiravelmente fingido, com seus penedos de ouro toseco, arvores, etc.; 2.^o, o Senhor na prisão: Judas dando o beijo, os judeus *cum gladiis et fistulis*, S. Pedro levantando o braço com o alfange, e, a seus pés, Malco, derribado, com a lanterna pendente; 3.^o, o Senhor em casa do pontifice: este, assentado debaixo de docel, mui circumspecto, e o Senhor em pé, cercado de judeus, e um tendo mão na corda por detrás do Senhor, a qual o Senhor

tem ao pescoço; 4.º, o Senhor no pretorio: Pilatos á porta do pretorio, fallando aos judeus, vestido como gentio, á turquesca; aos seus pés, um cãozinho, coçando-se; e o Senhor em pé, como os mais, e o judeu detrás, pegando na corda; 5.º, o Senhor á columna, açoitando-o dois algozes, e os vestidos do Senhor no chão; 6.º, o Senhor nos espinhos, e os judeus pondo-lhe a corda na cabeça. Estes, os passos do pé.

No alto do copo, estão outros seis passos, pela ordem seguinte:—1.º, o passo do *Ecc Homo*: Pilatos mostrando-o ao povo, e este como gritando e levantando as cruces em alto; 2.º, Pilatos, debaixo de docel, lavando as mãos, e um criado deitando a agua, á vista do povo; e no estrado, aos pés, estas letras, que se deixam bem ler: *LADAMIT*; 3.º, o Senhor com a cruz ás costas, o cyrenco pegando da cruz, a mulher Veronica, as Marias, ou filhas de Jerusalem, e phariseus; 4.º, o Senhor na cruz, e, aos dois lados, a Senhora e S. João; 5.º, o Senhor desido da cruz, nos braços da Senhora; José e Nicodemos; as cruces e escadas; S. João e Magdalena; 6.º, os mesmos, mettendo ao Senhor na sepultura, e, na pedra da sepultura, estas letras, que se lêem: *ANXERO*. Todos estes passos são de figuras inteiras, levantadas de meio relêvo, e, em partes, esmaltadas das côres naturaes, o que dá admiravel lustre á obra.

Os passos do pé do calix se dividem uns dos outros com o círculo do letreiro, que vai fazendo meio gyro, e orla a todos, assi como se vê no outro papel (*est. I e III*); e nos passos do copo, dividem columnas esmaltadas; uma columna entre passo e passo. A altura das figuras em todos os passos é do comprimento d'esta linha ————. O mais campo do calix são flores, passariños, pedras, e outras lindas galantissimas, todas de esmaltes de várias côres—branco, preto, azul, verde, vermelho. O pé e as suas letras vão da mesma medida, por compasso, do original. Nas letras do copo, que se vêem na base de cada columna, não pareceu ser necessario irem assim, porque são mais pequenas. Todas as letras, assi as do pé como as do copo, são cavadas no ouro e esmaltadas de preto; e, segundo se deita entender, a patena e o calix fazem correspondencia entre si, porque na patena está o primeiro passo da ceia; d'ahi, vem a serie ao calix, começando no horto, e torna á patena, no passo da Soledade, que tem nas costas.

Quanto á intelligencia das letras, o meu parecer é que ellas quærem significar, nesta ou naquella lingua, por este ou aquelle modo, o mesmo que contém os passos; porque as taes letras os vão seguindo e acompanhando, e é certo que todo homem, por rustico que seja, vendo um painel com o seu letreiro ao pé, julga (ainda que o não saiba ler) que o letreiro explica o passo. E, para se dizer que as letras significam outra cousa, como o nome do artifice, do rei que o deu, etc., alem de que esta intelligencia se não pôde accommodar ás letras do copo, as do pé, que o poderiam dizer, haviam de estar, se assi fosse, no círculo mais inferior do mesmo pé, e não servindo de orla e meio círculo aos passos.

Nas letras do pé, se vêem, em algumas partes, entre letra e letra, umas riscas. São divisões do esmalte branco, que estão no original, excepto, no círculo do passo segundo para o terceiro, um 1, que se vê cortado. Está assi mesmo no original, do mesmo esmalte da letra, e por isso não o tenho por divisão, mas por letra cortada, ou de outro feltio. As letras da garganta do pé vão na mesma postura do original, e tambem as das columnas.

O calix sem a patena, pesado por arrateis, se acha ter quatro arrateis e meio e duas oitavas; e, quanto a uma cota que vai na certidão do peso, onde se diz

que pesa nove marcos o calix, declaro que a dita cota é moderna e de lettra conhecida, e signal do P.^o Fr. Paulo Brandão, o qual morreu ha vinte e oito annos; e sou de parecer que se não deve fazer caso da dita cota, porque o dito padre a fez demasiado entremettido, por não ter noticia da memoria antiga na livreria velha, nem da noticia de Manrique, da mesma memoria. E não me parece que ha mais a que deva resposta, do que se pergunta. — *Fr. Manoel dos Santos.*

III

Não obstante as multiplas causas que tem empobrecido o nosso vastissimo e incalculavel patrimonio artistico, existe ainda hoje em Portugal avultado número de obras de ourivezaria religiosa, que abrangem e documentam a evolução da industria dos metaes preciosos,—irmã gêmea da architectura e da estatuaria, segundo a qualificam Lacroix e Seré,—desde o seculo XII até ao XVIII.

A Exposição retrospectiva de 1882; a de Aveiro, no mesmo anno; a promovida pela benemerita *Sociedade de Instrucção*, no Palacio de Crystal, do Porto; a que se realizou em Lisboa, em commemoração do centenario antonino; o Museu Nacional; a collecção organizada junto da Sé nova de Coimbra, pelo Sr. bispo-conde — que surprehendente, maravilhoso thesouro nos revelaram!

Enriquecendo a secção de ourivezaria do Museu Nacional com reproducções photographicas ou galvanoplasticas das peças mais interessantes e mais typicas estranhas a esse nucleo; dispondo em series, por fórma didactica, os exemplares reunidos, e juntando a cada um seu verbete elucidativo, formar-se-hia uma valiosissima collecção especial, do mais proveitoso e necessario ensinamento, não só para os historiadores da arte, criticos e artistas, senão tambem para o público em geral, que precisa de que lhe facultem meios de comprehender e apreciar os monumentos e obras de arte que o pais ainda possui, alguns dos quaes tem a sobredourar-lhes a belleza da concepção, e os primores da execução, alto significado historico e patriotico.

É sobretudo, porém, nos artistas que eu penso, ao escrever estas linhas. Ha, incontestavelmente, aptidões, desejo de progredir, de innovar, de sair da rotina. E ha tambem, a favorecer o bom exito d'estes impulsos, o gosto, muito espalhado e tradicional entre nós, das obras de ouro e prata, que chegaram, até, a constituir fórma dilecta de capitalização para a maior parte das familias portuguezas.

Importa, comtudo, que os artistas, animados de espirito innovador, guiados por intuito, aliás muito louvavel, quando bem orientado, de originalidade e de nacionalismo, se não transviem,—desprezados os

E sta he a circumferencia do pedo de Ouro.



Redução a metade. — Este desenho e o reproduzido na estampa III, são authenticados, como ficou dito, pelo monge-notario Fr. José de Mendonça, cuja assignatura só poderia ser incluída reduzindo muito os desenhos ou excedendo as dimensões da pagina d-O Archeologo

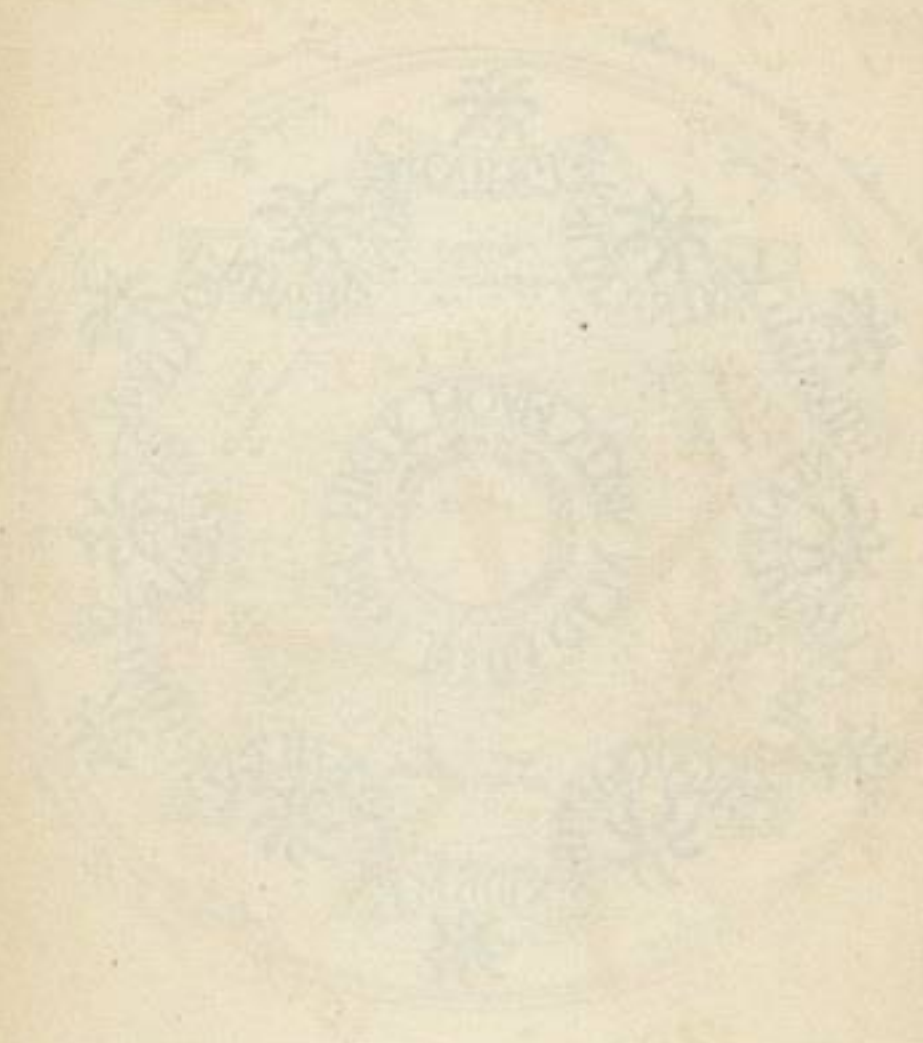
THE UNIVERSITY OF CHICAGO



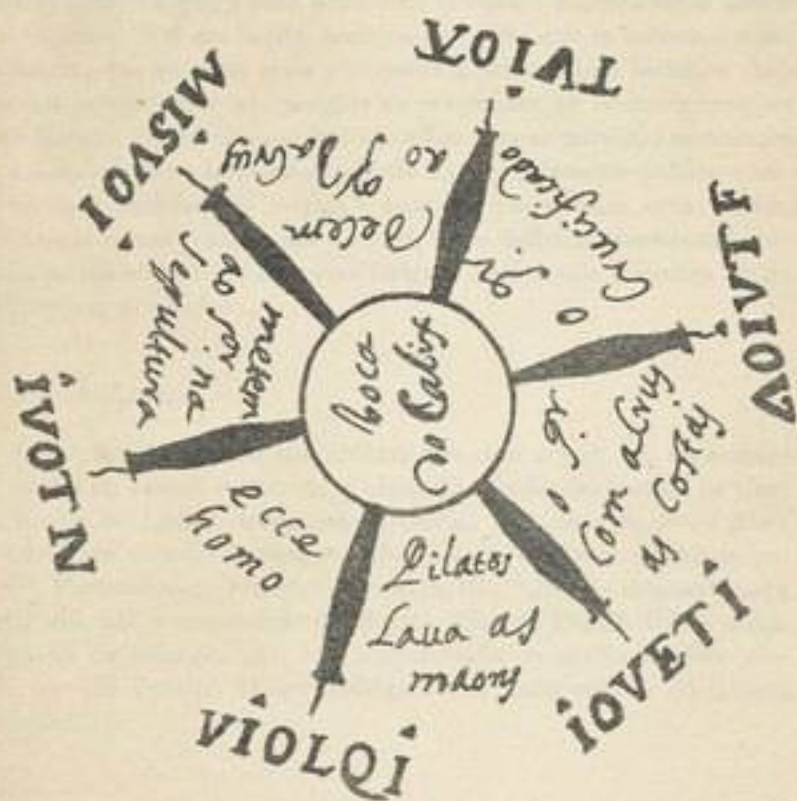
THE UNIVERSITY OF CHICAGO



Redução a metade. — Desenho feito sobre o anterior
pelo P.º D. Manoel Castano de Sousa



esta: a Leção do Copo



Reprodução nas dimensões do desenho original

My dear Mr. [illegible]



[illegible text]

principios inilludiveis de toda a arte decorativa; perturbadas as relações que devem existir entre a materia, a construcção, a fórma, a ornamentação e o destino da peça, elementos de cuja perfeita concordancia, de cuja inpeceavel harmonia, deriva a eterna belleza classica das obras dos grandes periodos da arte.

Não quero com isto insinuar, — é claro, — que os artistas devam abdicar as suas faculdades creadoras, restringindo-se á cópia ou, sequer, á imitação, do antigo; mas apenas significar que é legitimo deduzir principios, tirar consequencias, das obras-primas do passado, e que seria loucura desaproveitar a riquissima e gloriosa herança artistica de que somos legatarios.

Promovamos dedicadamente, mas sob os auspicios de seguro criterio, o renascimento das nossas artes decorativas. É sem dúvida pelas suas applicações que a arte pôde mais intensa e extensamente actuar nos espiritos; e é em muita maneira pela arte que se exerce o culto da patria; que se torna clara e evidente a continuidade historica através dos seculos; que as gerações se perpetuam no conhecimento, na gratidão e na ternura das que lhes succedem; que se estreitam os vinculos da solidariedade social; que o espirito exaggeradamente pratico e utilitario da actualidade se corrige e attenua; que a nossa alma, enfim, dorida das luctas e asperezas da vida, neste difficil e atormentado periodo, se consola e reanima, como fatigado caminhante á sombra amiga de frondoso arvoredó...

Post-scriptum.

Diogo Rodrigues, um dos artistas que citei a pag. 72, foi ourives da rainha D. Isabel, e exerceu o cargo de *abridor dos cunhos* na Casa da Moeda de Lisboa, tendo sido nomeado, por carta de 3 de Abril de 1497, em virtude da demissão de Vasco Gonçalves, — tambem ourives¹. Posteriormente, em 6 de Agosto de 1517², obteve nomeação para servir alli, até á maioridade de Miguel, filho de Fernão Gil, o officio de *mestre da balança*, que, com auctorização de el-rei, lhe fôra vendido por Gil Vicente. Diogo Rodrigues era então ourives da infanta D. Isabel.

¹ Chancellaria de D. Manoel, livro 30, fl. 21 v. *Apud* Teixeira de Aragão, *Descripção... das moedas, etc.*, I, 70 e 71.

² Chancellaria de D. Manoel, livro 10, fl. 71.

Belehiór Rodrigues, a quem igualmente alludi, foi *salvador dos cruzados*¹ nessa officina monetaria, em substituição de Fernão Lopes, — ourives tambem, — que se ausentára de Portugal; — «que se destes regnos foi», diz a carta respectiva, a qual tem a data de 12 de Janeiro de 1526².

Accrescente-se aos nomes indicados na citada página, alem dos de Vasco Gonçalves e Fernão Lopes, o de Diogo Alvares, ourives do infante D. Fernando, e que, em 19 de Junho de 1523³, foi nomeado *ensaiador* da Moeda de Lisboa, succedendo a Diogo Rodrigues, que fallecêra. D'esse logar, tinha alvará de D. Manoel, que seu filho e successor confirmou.

Vê-se, pois, que Diogo Rodrigues desempenhou na Casa da Moeda de Lisboa, não só os cargos de *abridor dos cunhos e mestre da balança*, como tambem o de *ensaiador*.

JOSÉ PESSANHA.

Protecção dada pelos Governos, corporações officiaes e Institutos scientificos á Archeologia

17. Museu Numismatico de Athenas

«L'année académique 1894-1895 a été particulièrement avantageuse pour le Musée numismatique d'Athènes. Cet établissement s'est accru de 14.837 pièces, dont 8.000 en argent ou en billon. Ces pièces ont été fournies en partie pour les fouilles de l'école française à Delos et à Delphes, les fouilles de l'école anglaise à Abae e en Phocide et les fouilles d'Olympie. Il y a naturellement un assez grand nombre de doubles, mais néanmoins la moisson est très satisfaisante».

(*Bulletin de Numismatique*, v, 10).

J. L. DE V.

«Cidades nobilissimas fenecem, e nem rasto fica d'ellas».

D. FR. AMADOR ARRIZ, *Dialogos*, iv, 10.

¹ Incumbia aos *salvadores* cortar a moeda, pondo-a no seu justo peso. O regimento dado por D. Manoel á Casa da Moeda de Lisboa em 23 de Março de 1506, refere-se largamente a esses artifices. Do alludido regimento, existe no Archivo da Torre do Tombo uma copia authentica, do sec. xvii (Ms., tom. viii-E, fl. 245).

² Chancellaria de D. João III, livro 36, fl. 36.

³ Chancellaria de D. João III, livro 3, fl. 73. Apud Teixeira de Aragão, op. e loc. cit. A carta é, porém, de 19 e não de 18 de Junho, como ahí se lê.

Noticias varias

1. Achados de moedas romanas em Leiria

Lê-se nas *Novidades*, de 17 de Novembro de 1898:

«Numas ruinas, em uma quinta proximo de S. Sebastião, tem apparecido varias moedas romanas, tendo de um lado um carro puxado por quatro cavallos e diversos dizeres, e do outro um camello, estando ajoelhado a seus pés um vulto de homem e tendo por baixo REX. ARETIN»¹.

J. L. DE V.

2. Dois enigmas epigraphicos

1.º—Proximo da Cidadonha, castro de Monsalvarga, concelho de Valpaços, ha um poço do qual uma das paredes, que é constituida por um penedo, tem estas letras:

DS
RIG

2.º—Num penedo, ao Rigueiral, no termo de Sanfins, mesmo concelho, ha estas letras:

LIBO
TERMN
TRERB

Valpaços, Fevereiro de 1900.

JOAQUIM DE CASTRO LOPO.

¹ [A inscripção deve ler-se, não *rex Aretin*, mas REX·ARETAS. A moeda pertence á epocha da republica romana (familia *Aesulio*) e foi cunhada no sec. I A. C.; *Aretas* era um rei da Arabia Petrea, cujos estados foram invalidos pelos Romanos — J. L. DE V.].

Contos para contar

II

Variantes dos publicados a pag. 52 sqq. d'este volume

O importante serviço que o Sr. J. Meili acaba de prestar com o artigo inserto n-*O Arch. Port.*, v, 52 sqq., leva-me a descrever os seguintes contos que tenho, e que constituem variantes muito notaveis.

Século XVI

D. Manoel

N.º 1—BR.—Muito bom.—Diametro 0^m,027.



✠CONTOS ✠PER CONTAR ✠CON: D:—Escudo coroado, com sete castellos, e uma arruela de cada lado; em vez dos escudetes tem cinco arruellas $\cdot\cdot\cdot$, tudo dentro de um circulo de aspas, acompanhado de outro de linha continua.

R.—✠CONTOS ✠BONOS ✠REGES P DG—A esphera, circumdada por oito estrellas, dentro de um circulo.

N.º 2—Æ.—Bom.—Fundido.—0^m,29.



EOHT—EOH—EOH—EOHT—A cruz de Aviz cortando a legenda. Dentro de um circulo de pontos escudo de phantasia com uma pequena corõa, tendo em vez de quinas cinco estrellas e treze castellos: de cada lado um S.

R.—CONTV—CONTV—CONTV—CONTV—A cruz de Aviz cortando a legenda. A esphera dentro de um circulo granulado.

D. João III

N.º 3 —Æ.—Mediocre.—Diametro 0^m,028.



† CONTOS ¶ PARA ¶ CONTA — Escudo de phantasia, sem coroa, tendo em vez de estrellas cinco arruellas ¶.

R.—† AOC ¶ NO ¶ VONIT ¶ OVN — Esphera dentro de um circulo de perolas.

D. Sebastião I

N.º 4 —Æ.—Bom.—Diametro 0^m,027.



Na orla exterior: CONTV—CONTV—SCONT—VSCON—
A cruz de Aviz a cortar a legenda.

Na orla interior: CON—TVS—CON—TVS—A cruz de Aviz cortando a legenda.

No centro, dentro de um circulo, cinco escudetes em cruz, cantoados por quatro castellos.

R.—COZTVS—COZTVS—COZTVS—COZTVS—A cruz de Aviz a cortar a legenda, e a esphera dentro de um circulo granulado.

Lisboa, Março de 1900.

ARSENIO ALVARES DA SILVA.

Analecta epigraphica lusitano-romana

3. Inscripção funerária

Conservo cópia da seguinte inscripção, cuja procedencia ignoro, porque tambem m'a não disse quem m'a deu:

- | | |
|----|----------|
| 1. | D M S |
| | IVLIAE |
| | AVITAE |
| | CLAVDI |
| 5. | AIVLIANA |
| | MATRI |
| 7. | P C |

Fiz algumas correções evidentes: na cópia que me deram lê-se na 2.^a linha IVLTAE; na 4.^a linha CIAVDI; na 5.^a linha AIVLTANA.

Transcripção:

D(iis) M(anibus) S(acrum). Iuliae Avitae Claudia Iuliana matri p(onendum) c(uravit).

Tradução:

Consagração aos Deuses Manes. Claudia Juliana mandou erguer (este monumento) a sua mãe Julia Avita.

Julgo-a inédita, pois, pelos indices, não a encontro no vol. II do *Corp. Inscr. Lat.*

4. Inscripção da Crimeia (Alemtejo)

O Sr. Dr. Coelho de Carvalho encontrou na sua herdade da Crimeia (Alemtejo) uma lapide com a seguinte inscripção romana, que teve a bondade de me offerecer, e que mais uma vez lhe agradeço:

.....
 IVCIVs
 TICINIu
 SFVSC
 VS·H·S

Altura da lapide: 0^m,46; largura: 0^m,24 e 0^m,12; espessura: 0^m,08; altura da inscripção: 0^m,31; altura das letras: 0^m,08.

Em cima falta parte da pedra, onde talvez houvesse algumas letras. Em baixo não falta nada. Algumas letras estão incompletas, mas não offerecem dúbida nenhuma.

Transcripção:

[L]uciu[s] [L]icini[u]s Fuscus h(ic) s(itus).

Tradução:

Lucio Licinio Fusco está aqui sepultado.

O cognome *Fuscus* encontra-se mais vezes em inscripções da Lusitania.

5. Inscripção de Bobadella

No *Diccionario Geographico* de Cardoso, II, 192, diz-se que em Bobadella (Beira-Baixa) está numa casa particular uma inscripção romana de que só se lê, por o mais estar consumido do tempo: *Man liaa probisaa ex testam. suo.*

O Sr. Hübner, no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 400, transcreve de outros AA. a seguinte inscripção, tambem como de Bobadella:

IVLIA.....
EX
TESTAMENTO
SVO

Talvez as duas inscripções correspondam a um só texto, tendo-se posto TESTAMENTO por extenso na 2.^a versão. Neste caso poder-se-hia ensaiar a restituição seguinte:

IVLIA[E] MANLIAE PROBI[filias?] EX TESTAM. SVO

6. Inscripção de Evora

No Museu annexo á Bibliotheca eborense está uma pedra-marmore de 0^m,23 × 0^m,12 × 0^m,13, achada nas ruinas do templo, e já publicada, creio, pelo Sr. A. F. Barata. Fazia parte das alvenarias que enchiam os intercolumnios.

É como se segue:

VERNACVLV
L A P

Isto é: *Vernaculu(s) l(ibens) a(nimo) p(osuit)*. Não falta na linha 2.^a a palavra *v(otum)*, o que se vê da symetria das letras; falta porém infelizmente o nome da divindade a quem a inscrição era consagrada. Altura das letras: 0^m,035.

7. Inscrição num tijolo, de Evora

No Museu da Bibliotheca de Evora existe tambem um tijolo rectangular de 0^m,21 × 0^m,11 × 0^m,062, de barro grosseiro, que tem numa das faces em letras gravadas profundamente, de 0^m,02 de altura, a seguinte inscrição:

T. C A R R

O ponto que se segue ao T não está bem ao centro.

Significa: *T(itus) Carro*, nome do oleiro, comparavel ao que figura no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 4970 122: *Carronis* (genetivo) de *Carro* (n).

8. Outra inscrição do Museu de Evora

Está numa ara de 0^m,80 (altura) × 0^m,27 (largura). As letras tem 0^m,04 a 0^m,05 de altura.

1. D M S
IVIVSE
cVS EBO
an XXX
5. IILI
AC

O cognome é difficil dizer o que será: *Ecus* = *Aequus*? Cfr. *Aequa* in *Corp. Inscr. Lat.*, II, 218, numa inscrição de Lisboa. Na 3.^a linha temos *Ebo* (*rensis*).

O que está na 5.^a e 6.^a linhas é provavelmente: *FILIA C*, i. é, *filia c(uravit)*.

9. Inscrição de Orlsipo

Numa lapide calcarea, de 0^m,36 × 0^m,215 × 0^m,10, encontrada com outras antigualhas romanas numas excavações que se fizeram em 1898 em Lisboa, no Largo de S. Domingos, lê-se a seguinte inscrição, em letras de 0^m,03 de altura:

D ◊ M ◊ S
 LVCRIIIA ◊ PATRI
 CIA ◊ ANN ◊ XXXVIII
 I ◊ V ◊ P

Como o 3.^o I na palavra LVCRIIIA vale por T, pôde suppôr-se que na 3.^a linha tambem o valha, vindo pois nós a ter *T(itulum) v(iva) p(osuit)*, pois que esta fórmula não destoa de muitas outras que ha semelhantes. Pôde porém tambem supor-se que I significa *i(ussit)*, sendo então a fórmula I - V - P equivalente a *i(ussit) v(iva) p(oni)*. Em qualquer dos casos, como uma inscrição em que se indica a idade da fallecida não podia ser gravada em vida d'esta, — pois a indicação da idade não foi accrescentada posteriormente, o que se conhece do gravado —, deve admittir-se que com a expressão V(*iva*) se quis significar que Lucrecia Patricia mandou em vida fazer, não a inscrição, mas o conjuncto do monumento, a que depois da morte se aggregou a placa calcarea com o letreiro funebre. Se se quisesse significar que Lucrecia mandou que se lhe fizesse o monumento depois da morte, não se escreveria V(*iva*), escrever-se-hia *Ex Testamento*.

Temos pois:

D(iis) M(anibus) S(acrum: Lucretia Patricia, ann(orum) XXIX, t(itulum) v(iva) p(osuit) vel i(ussit) v(iva) p(oni).

10. Inscrição funeraria da Columbeira

Por occasião de trabalhos agricolas appareceu num campo ao pé da Columbeira, concelho de Obidos, uma lapide calcarea de 0^m,23 × 0^m,20 com a seguinte inscrição:

M · CASSIO · M
 F · TVRRINO · A · V
 AVITA · MATER
 F · C

Campo da inscripção, 0^m,195 × 0^m,12. Altura das letras 0^m,025 a 0^m,03.

Isto é: *M(arco) C(assio) M(arci) F(ilio) Turrino, a(nnorum) V, Avita mater f(aciendum) e(uravit).*

O que quer dizer: *A Marco Cassio Turrino, filho de outro, de 5 annos de idade, mandou sua mãe Avita fazer (este monumento funebre).*

Com a palavra *Turrinus* compare-se *Turrina* e *Turrania*, que se encontram noutras inscripções peninsulares.

Esta inscripção foi obtida por meu primo Jaime Leite Pereira de Mello, que m'a offereceu. Na Columbeira appareceram outras antigualhas romanas, como pesos e moedas. De certo foi alli estação romana.

11. Inscripção do Museu do Carmo

Existe no Museu Archeologico do Carmo, em Lisboa, uma lapide quebrada em que se lê:



Isto é: *L(ucius) Lucretius L(ucii) f(ilius), Galeria (tribu), Severus, h(ic) s(itus) e(st):*

O que significa: *Lucio Lucrecio Severo, filho de outro, da tribu Galeria, está sepultado aqui.*

Ignoro a procedencia da inscripção, conquanto me digam que talvez seja dos arredores de Sintra. Julgo-a inedita, pois não vejo no Indico do *Corpus* o nome *L. Lucretius Severus*.

12. Inscripção de Balsa

Em 1896 trouxe eu de Torre d'Ares, ao pé de Tavira, para o Museu Ethnologico Português, por permissão do proprietario d'aquella quinta, o Sr. Sebastião Estacio, um fragmento muito importante de uma inscripção romana, que diz:

..... ♀ DOB.....
DNVM·R·P·BALS

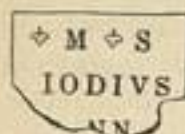
Num pedaço de marmore.

O fragmento deve interpretar-se assim: [*in honorem*] *dom[us] di-
vinae decreto decuri]onum. R(es) P(ublica) Bals(ensium).*

Esta inscripção é muito importante porque constitue mais uma prova de que Balsa esteve, no todo ou em parte, situada no proprio terreno que hoje constitue a Torre d'Ares, onde em verdade se tem encontrado inumeras antigualhas de toda a especie.

13. Inscripção de Mertola

O meu amigo Rev.^{da} Antonio da Silva Pires offereceu-me o fragmento de uma lapide de marmore, de 0^m,15 × 0^m,09 × 0^m,035, encontrado em Mertola, no qual se lê:



o que pôde entender-se assim: [*d.*] *M. s.* *clodius, [a]nn[orum]*
Antes de *Clodius* falta apenas o *praenomen*; da symetria das palavras vê-se effectivamente que cabiam na 2.^a linha duas letras: o C de *Clodius*, e a sigla do prenome.

J. L. DE V.

Vestigios romanos no concelho de Vianna do Castello

Poucos são os monumentos da epocha romana que tem apparecido no territorio da foz do Lima; cremos que esta escassez é devida ao pouco cuidado e menos importancia que se dá a taes achados, como teremos occasião de mostrar.

A estatua do Pateo da Morte, hoje existente na Escola Industrial, que pertence ao grupo das *callaeas* ou gallegas, especie de monumentos militares funerarios erguidos pelos soldados da Gallecia nos primeiros annos da era christã, foi encontrada na freguesia de S. Payo de Meixedo, neste nosso concelho, nos meados do sec. xv, em que D. Affonso da Rocha, commendatario do proximo mosteiro beneditino de S. Salvador da Torre, e abbade d'aquella parochia de Meixedo, lhe mandou esculpir no escudo a aspa com as cinco vieiras ou conchas, que na hieraldica designam o appellido—*Rocha*. Posteriormente, em 1622, o morgado de Meixedo, Francisco da Rocha Lobo, mandou trazer a figura para a sua casa da rua da Bandeira, em Vianna. Como as suas

congeneres do Museu archeologico de Guimarães e do jardim da Ajuda em Lisboa, a estatua está decapitada e jarretada; esta nossa offerce a particularidade da legenda no saial; assenta numa pia cineraria, que devia ter tambem vindo de Meixedo e, porque talvez alli lhe estivesse servindo de pedestal, nessa mente a trouxeram como parte integrante do monumento.

Eis a inscripção:

L · SESTI · CLODAME
NIS FL · CORO · COROCAVCI
...VDIVS · · SEM...

Em Meixedo e sua limitrophe Villar de Murteda por vezes se encontram moedas, bronzes dos imperadores romanos: em 1877 appareceram dentro de uma amphora 102 moedas, tendo 41 o busto e legenda HADRIANVS; 19 de ANTONINVS PIVS; 1 de NERVA; 1 de LVCIVS VERO; 12 de HADRIANVS; e legenda: TRAI · HADRIAN.; 2 de MARCVS AVREL. e legenda AVREL. CAESAR; 6 de TRAIANVS, e legenda NERVA TRAIANVS; 3 de AELIVS, legenda L. AELIVS; 5 de Faustina, mater, e legenda DIVA FAVSTINA; 2 com busto de Sabina, e legenda SABINA AVGVSTA; e 6 meios-bronzes, um de TIBERIVS, outro de ANTONINVS PIVS, um outro de HADRIANVS; e finalmente as restantes illegiveis. Estas moedas foram adquiridas por baixo preço por um negociante viannense, que as vendeu no Rio de Janeiro em 1882 ao pianista Arthur Napoleão, a 15000 réis cada uma; e ourivez Ferreira as havia comprado todas por 920 réis. Estes bronzes, á excepção dos tres, eram perfeitissimos no cunho dos bustos.

No principio do sec. XVIII, quando se arruinou a ponte de Tourim, sobre o rio Ancora, entre as pedras havia uma de esquadria, com seus perfis em toda a volta, com as seguintes letras legiveis:

...MAN · IM · IN · MNS ·

lapide commemorativa de qualquer obra imperial feita nestes sitios.

Em 16 de Agosto de 1892, quando andavam demolindo a igreja parochial de Villa Mou, fomos alli examinar o material do velho templo, encontrando uma ara votiva de Rufus Grovius a Juppiter, que media 0^m,88 sobre 0^m,25 por lado, dous capiteis bastantes deteriorados, e outras pedras lavradas, que denotam ter pertencido a um edificio latino, destruido por um incendio, pois que o granito, que não é das pedreiras d'estes sitios, apresenta uma grossa crusta negra, indicando ter soffrido por muito tempo a acção de um fogo violento. Encarregámos

o Rev.^{do} Parocho da guarda d'essas pedras e demais objectos que separámos, porém, quando d'ahi a dias voltámos para fazer transportar as pedras para o Museu municipal, havia desaparecido a lapide romana, a nosso ver, por proposito ou maldade de um dos pedreiros, e, apesar das diligencias do Padre Palhares, e do mestre pedreiro, não foi possível encontrá-la, constando ter ficado nos alicerces da nova igreja. Felizmente que havíamos copiado o letreiro, cujas duas linhas estavam pouco legiveis; as quatro anteriores diziam:

RVFI · GRO
VIVS · VOTV
M · IOVI · OP
CVMO · IV
· IVMO¹
.....
.....

São estas as reliquias da epocha romana que sabemos terem apparecido no nosso concelho de Vianna.

L. DE FIGUEIREDO DA GUERRA.

Museu Municipal da Figueira da Foz

1. Aquisições em 1898

Este importante e interessante estabelecimento, de que demos breve noticia a pag. 234 do vol. II d'*O Archeologo*, já está installado nas salas que lhe foram destinadas no andar nobre do novo edificio dos Paços do Concelho, devendo ser, em breve, reaberto ao público. Consta de duas amplas salas, numa das quaes estão as secções de *Prehistoria e proto-historia*, *Comparação e Archeologia historica, sub-secção luso-romana*; e na outra as secções d'*Archeologia historica e Industrias do Concelho*.

O Museu possui actualmente 2:938 objectos na secção de *Prehistoria e protohistoria*, 1:475 na de *Comparação*, 1:532 na de *Archeologia historica* (sendo 737 na *sub-secção luso-romana*) e 470 na das *Industrias do Concelho*, sem contar a valiosa collecção de Numismatica que tem 1:112 moedas e 261 medalhas.

¹ [A 1.ª letra da 4.ª linha deve ser T. O resto será MAXVMO?—J. L. DE V.]

No Museu está também a já importante collecção da Sociedade Archeologica da Figueira.

Damos, em seguida, a lista das novas entradas durante o anno de 1898 e no tempo já decorrido no actual anno.

SECÇÃO DE PREHISTORIA E PROTO-HISTORIA:

45 machados de pedra, polidos, alguns fragmentados, provenientes de várias localidades d'este Concelho, de Cantanhede e de Leiria;

1 machado de schisto, simplesmente lascado, proveniente do tumulus-dolmen da Sobreda (Beira-Alta);

1 pequeno polidor;

1 grande fragmento de uma placa de schisto;

1 faca, grande, de sílex;

9 laminas de facas e um fragmento de outra, de sílex, provenientes da Varzea de Lirio (Brenha);

18 pontos de setta de sílex e uma de crystal de rocha, provenientes do tumulus-dolmen da Sobreda;

1 lamina de sílex, retocada, proveniente do Arneiro;

2 fragmentos de serras, de sílex;

1 ponta de sílex, retocada;

1 percutor de quartzo;

4 nucleos de crystal de rocha;

6 fragmentos de facas de sílex, da Junqueira (Brenha);

1 faca de sílex, achada no megalitho do Feital;

o espolio da Caverna dos Alqueves, suburbios de Coimbra, explorado pela Sociedade Archeologica da Figueira, a saber:

1 brecha ossifera com as peças do esqueleto humano agglomeradas; 1 ponta de dardo, de sílex, partida; 1 faca e duas serras de sílex; 1 alfinete de osso e 1 fragmento de outro; 1 fragmento de punção de osso; 1 conta de osso; 1 objecto de osso que parece ser um adorno; varios fragmentos de ceramica; 1 percutor; e diversos ossos humanos, comprehendendo 3 calotes craneanas;

1 nucleo de quartzo e 3 laminas de sílex, da Pedunha (Alhados);

1 nucleo de sílex, e 1 lamina de faca também de sílex da estação neolithica do Arneiro (Brenha);

5 fragmentos de laminas de sílex, com retoques;

1 faca de sílex do dolmen do Cabeço dos Moinhos (Brenha);

uma parte de uma faca de sílex e uma lamina de sílex, retocada, provenientes de Valle do Romão (Brenha);

muitos fragmentos de louça neolithica, uns lisos, outros bellamente ornamentados, provenientes da Junqueira (Brenha);

muitos fragmentos de ceramica, dos dolmens do Seixo e da Sobreda (Beira-Alta);

2 fragmentos de ceramica, com ornamentações, typo de Palmella;

1 ponta de dardo, de cobre, com a extremidade superior partida, encontrada na Serra do Cabo Mondego, no local onde existiu o monumento da Cumieira;

1 fragmento de uma espada de bronze;

1 seixo de fórma phallica, achado no sítio dos Chões (Brenha);

alguns fragmentos de louça lusitana, provenientes do mesmo local;

varios fragmentos de ceramica lusitana e 2 objectos de ferro, da estação lusitana dos Arrieiros (Brenha);

varios fragmentos de ceramica lusitana e alguns seixos provenientes do castro do Monte Verão (Celarico da Beira);

varios fragmentos de ceramica luso-romana e 1 fragmento de *mola manuaría*, proveniente do sítio de Fonte de Cabanas (Brenha);

varios fragmentos de ceramica lusitana, achados no fundo de uma cabana lusitana, sita a Oeste da Mama do Furo, vizinhanças da capella de Santo Amaro da Serra;

1 vaso lusitano, restaurado, achado sobre as ruínas do dolmen do Prazo;

2 quadros a *crayon* que representam um dolmen e outro o *anthropithecus*.

SECÇÃO DE COMPARAÇÃO:

1 cranio com o respectivo maxillar inferior e os ossos principaes do esqueleto humano, proveniente de uma sepultura na Granja do Olmeiro (Alfarellos);

1 cranio humano, incompleto, e alguns ossos longos, de uma sepultura da necropole luso-romano de Nossa Senhora do Desterro (Montemor-o-Velho);

1 cranio completo, de um macaco;

1 peixe da America (*Bac-a-Cu d'espinhos*);

1 collecção de 16 amuletos portuguezes, offerecido pelo director d-*O Archeologo Português*;

8 amuletos;

1 pente do Congo;

1 setta de gume transversal (Guiné);

1 enxada (*oko*), do Dahomey;

1 bainha de espada, de coiro, bordada (*Ako-Ida*), tambem do Dahomey;

1 rabeca dos negros (Africa Occidental);

- 1 sagui;
- 1 manequim que representa um guerreiro japonês, ornado de todas as armas;
- 1 vaso de cobre, repuxado (*tambió*), proveniente da India Portuguesa;
- 1 chapéu de cortiça.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA HISTORICA:

- 1 pedaço de mosaico romano, proveniente de Leiria;
- 3 fragmentos de telhas romanas, e 1 tijolo também romano e de forma ainda não encontrada nesta região, da estação dos Arieiros (Brenha);
- alguns fragmentos de louça romana, achados no castro do Monte Verão (Beira-Alta);
- 4 fragmentos de *dolium*, do Paião;
- 1 pêso de tear romano, 1 tijolo romano, e 1 *veru* ou *verutum*, provenientes S. Martinho de Arvore;
- diversos fragmentos de louça romana; 1 pêso de tear, grande, romano; 1 prego de ferro; parte de um objecto do mesmo metal; 1 grande escopro de ferro, com alvado (*scalpum fabrilis*); 1 grande fragmento de *dolium*, restaurado; outro grande fragmento, também restaurado, de um grande vaso, e 1 medio-bronze de Decencio; tudo proveniente da estação romana da Formoselha;
- 1 grande tijolo, fragmentado; 1 tijolo mediano, também fragmentado; 1 pequeno tijolo inteiro; parte de outro com encaixes; 1 pedaço de *opus Signinum*; 2 pedaços de telhões; 1 fragmento de um vaso; 1 pedra de amolar; 1 fragmento de um tijolo arenoso; varios fragmentos de louça lusitana e de louça romana; 3 fragmentos de fibulas de bronze; 1 placazinho de cobre, e 1 alfinete de ferro; tudo proveniente da estação romana da Pedrulha (Alhados);
- 1 inscrição romana, em pedra, encontrada na mesma estação;
- 4 azulejos hispano-arabes;
- 43 azulejos Delft, e parte de outro;
- algumas moedas de prata e cobre;
- 9 pratos de louça antiga, de Coimbra;
- 1 sopeira antiga de louça, de Valle da Mó;
- 1 jarra de louça antiga (francesa);
- 2 chavenas antigas, do Japão;
- 1 tijela de louça antiga, inglesa;
- 1 chocolateira de cobre, antiga;
- 2 estatuetas de pedra, provenientes de Buarcos;

- 2 ditas de madeira;
- 2 ditas de marfim;
- 1 inscripção sepulchral proveniente de Buarcos;
- parte de uma columna de pedra, que servia de base de um cruzeiro e que tem a data de 1607, proveniente de Mira;
- 1 leque antigo;
- 2 pulseiras de cordão de seda, antigas;
- 1 estatua de barro, representando um papa, vindo de Condeixa;
- molde, de lacre, do sello de D. Rodrigo da Cunha, encontrado no seu tumulo, na Sé Velha de Coimbra, em Dezembro de 1897;
- 20 amostras de papel, dos annos de 1646 a 1701;
- 1 photographia de alguns azulejos hispano-arabes, provenientes de Santarem;
- 1 moldura antiga de madeira;
- 1 busto de madeira representando Minerva;
- 1 taboleiro de louça antiga de Coimbra;
- 1 relógio antigo, de algibeira;
- 1 espora antiga de bronze;
- 1 chave de relógio, antiga;
- 1 ponta de lança de ferro (seculo xv), achada nos Palheiros, proximo de Lário (Brenha);
- 1 pedaço de gral, de pedra, e 1 bigorna pequena, de ferro, achados nos escombros dos alicerces do castello de Redoredos (Buarcos);
- 1 objecto de ferro, achado na Varzea (Figueira);
- 1 pergaminho do seculo XIII;
- 1 carta de bacharel, bellamente illuminada, do seculo XVIII;
- 1 Regimento dos familiares do Santo Officio (impresso);
- 1 carta, em pergaminho, tambem do Santo Officio;
- 2 cartas regias, com a assignatura de El-Rei D. José I;
- 1 documento com o sello da Ordem de Christo;
- 1 tela, representando Santo Antonio, proveniente do convento de Santo Antonio d'esta cidade;
- 1 collar de doze contas de barro, achado numa sepultura, feita de telhas romanas, em Ciudad Rodrigo (Hespanha);

Para a SECÇÃO DA INDUSTRIA DO CONCELHO, entrara 1 lindo centro de mesa, de madeira, e 2 pratos, tambem de madeira.

2. Acquisições em 1899 e primeiros dois meses de 1900

Durante o anno de 1899 e nos dois primeiros meses de 1900 deram entrada nas differentes secções d'este Museu os objectos seguintes:

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA PREHISTORICA E PROTOHISTORICA:

28 machados de pedra, polidos, uns inteiros, outros fragmentados, entre elles alguns de dimensões muito pequenas; provenientes da Serra das Alhadas, Ponte do Curro (Alhadas), Junqueira, Brenha, Quiaios, Asseiceira, Valle do Romão, Anadia, Cantanhede e Nellas;

1 fragmento de ceramica neolithica, ornamentado, e tres lascas de sílex;

3 laminas de serras, de sílex, uma de faca, fragmentada, e uma lamina de sílex com retoques, e um dardo de sílex,—provenientes do dolmen das Carniçosas;

2 laminas de sílex, retocadas; uma ponta de setta, um dardo e duas laminas de facas, tudo de sílex e proveniente do Arneiro (estação neolithica da Junqueira);

2 facas de sílex, e duas laminas, tambem de sílex, com retoques, provenientes da estação da Varzea de Lirio;

2 vasos, neolithicos, de barro, restaurados; varios fragmentos d'outros; duas serras de sílex, uma das quaes dupla; um machado de pedra, polido, e fragmentado; e uma lasca de quartzo; tudo proveniente da orca do outeiro do Rato, no concelho de Nellas (Beira-Alta);

1 pedra furada, proveniente tambem de Nellas;

alguns vasos, lusitanos, restaurados, e muitos fragmentos d'outros, trabalhados á mão; um fragmento ceramico ornamentado; dois cossoiros de barro, um dos quaes ornamentado; uma placa de osso, igualmente ornamentada; alguns pesos de rede, formados de fragmentos ceramicos; varios objectos de bronze e de ferro; parte do fundo de uma cabana lusitana com restos de animaes e fragmentos ceramicos; uma mó dormente, com feição primitiva; tudo proveniente do castro de Santa Olaya;

2 fragmentos de ceramica lusitana, lisos, e outro com ornatos, provenientes de um abrigo sob rocha em Travancinho (Beira-Alta);

34 exemplares de rochas de Portugal, convenientemente classificadas pela Direcção dos Trabalhos Geologicos do Reino, para a classificação dos diversos instrumentos de pedra neolithicos.

SECÇÃO DE COMPARAÇÃO OU ETHNOGRAPHICA:

Varios amuletos portuguezes;

1 feitiço africano;

1 espada de Dahomey;

varios instrumentos agricolas, e arreios, de ferro, antigos, provenientes de S. Martinho de Arvore;

1 tijolo romano, proveniente dos palacios dos Cesares, em Roma;

2 *Lucernae* ou candeias romanas, provenientes de um *Columbarium* de Roma;

1 miniatura, de barro, de um vaso grego, pintado;

1 vaso de barro, hespanhol;

varias peças de loiça fumigada, de fabricas dos districtos de Aveiro e Coimbra;

amostras dos barros empregados no fabrico das mesmas loiças;

1 pequeno dente de elephante, esculpido;

1 caixa de palha, da India;

1 seixo furado e uma esphera de pedra.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA HISTORICA:

a) *Sub-secção luso-romana:*

1 troço de columna romana, formada por fiadas de tijolos em forma de sector circular; varios d'estes tijolos e outro, rectangular, grande; e varios fragmentos de ceramica romana; tudo proveniente das ruinas romanas de *Conimbriga* (Condeixa-a-Velha);

6 tijolos romanos, triangulares; outro quadrado; um pedaço de barro, que servia de argamassa; dois fragmentos de mosaicos; alguns pedaços de ornatos em estuque, e um pedaço de marmore; varios fragmentos ceramicos e conchas marinhas; tudo proveniente da *villa* romana de Ançã (Cantanbede);

varios fragmentos ceramicos; um pedaço de telha; um tijolo quadrado, e parte de uma *mola manuaris*: tudo proveniente do Ermide (Buarcos);

1 lança de ferro que parece romana, proveniente de S. Martinho de Arvore.

4 pesos de tear, romanos, de barro; e outro, de granito; provenientes de Nellas;

1 pêso de tear, romano, de barro; e parte do bordo do vaso, com asa interior; proveniente das ruinas da *villa* romana de Nossa Senhora do Desterro (Montemór-o-Velho);

3 vasos romanos restaurados; dois outros, incompletos; muitos fragmentos de ceramica romana, cinzenta e negra; muitos de loiça pintada, polychromica; alguns fragmentos de telhas romanas, com cannelluras; tudo proveniente de Santa Olaya;

amostras do *bucchero*, da Etruria maritima (Italia), provenientes do Museu archeologico de Florença.

b) *Sub-secção da idade média e tempos modernos:*

varias peças de loiça nacional e estrangeira;

varias peças de vidros;

- 1 castiçal, antigo, de metal;
 varios fragmentos de um retabulo de pedra, attribuido ao seculo XVI,
 e proveniente da igreja de S. Pedro de Buarcos;
 varios objectos, taes como um espadim, fragmentado, botões, fi-
 velas, etc., encontrados em sepulturas antigas, da mesma igreja;
 varias apolices do Real Erario, dos annos de 1798, 1799 e 1805;
 4 grandes potes de barro, antigos;
 1 azulejo hispano-mourisco;
 1 caixa de rapé, de chifre de veado;
 1 caixa de madeira;
 2 pares de brincos e dois broches antigos, provenientes da China;
 1 brinco de metal, antigo, proveniente de Santarem;
 amostras de tecidos antigos;
 1 denario de Augusto;
 1 medio-bronze, de Claudio, achado em Ançã;
 varias medalhas portuguezas;
 1 medalha distinctiva da Sociedade Archeologica da Figueira;
 1 medalha commemorativa do quarto centenario do descobrimento
 do Brasil.

P. BELCHIOR DA CRUZ.

Elementos para a solução de um problema archeologico

Ha annos um illustre, venerando e bem nosso conhecido investi-
 gador das cousas brigantinas, andando na procura de vestigios da es-
 trada militar romana de Braga a Astorga, que passava por Chaves,
 encontrou nos altos de Fonte Arcada, Carragosa e Soutello, concelho
 de Bragança, uns padrões de granito mais ou menos trabalhados, de
 altura media 1^m,15, largura 0^m,55 e espessura 0^m,25, collocados nos ca-
 minhos ou suas proximidades, servindo ou não de limite de termos,
 com a seguinte inscripção:

CA
 BAR

com esta mesma disposição e typo de letra em todos elles, e a qual
 deu depois de muitas e diversas permutações esta solução: — A. BRAC.
tantos mil passos a contar de Braga, — vindo-os a considerar marcos
 d'aquella via que faz passar por aquelles sitios.

Não se conformaram com esta interpretação os espiritos de indole

renitente, e começaram a formar várias conjecturas e alvitres em procura de outra resolução. E assim diziam uns, que ella queria dizer—CABAR—havendo ainda entre estes divergencia, dos que era assim por marcar limite ou cabo do termo, apesar do êrro orthographico, e dos que a julgavam uma dedicação à lua (!) feita por uma das tribus arabes que invadiu a Peninsula e a adorava sob este nome; outros davam de parecer que indicava—«Camara ou Casa (CA) de Bragança (BAR)»,—baseando-se na probabilidade de que os termos que dividiam tivessem pertencido á Camara ou Casa de Bragança no tempo em que se escrevia *Bargança*; ainda outros, aproveitando esta significação de—BAR—, induziam que se devia ler—«Caminho (CA) de Bragança»,—por os marcos estarem nas proximidades de caminhos; finalmente, outros que se devia tomar como sendo só o nome de—«Bragança (BARGANÇA)» escripto em abreviatura¹.

Havia, como se vê, sómente a incerteza, que continuaria durante muito tempo, talvez, se não fosse a circumstancia de vir no conhecimento da existencia noutros pontos de muitos outros padrões quasi nas mesmas condições de feitiço, grandeza, situação e serventia que os encontrados em Fonte-Arcada, Carragosa e Soutello, com a mesma inscripção no mesmo typo de lettra, indicando serem todas da mesma epocha, tendo algumas o C e o A ligados (CA) e o A e o R tambem ligados (AR). Pois assim é o marco de Cabanellas no caminho da Mosca para S. Pedro, que divide os termos de Nogueira, S. Pedro e Rebordões; a marra de Rôbôr-de-Vaccas no caminho velho de Bragança para Lamalonga que marca os termos de Villarinho, Agrochão e Ervedosa; a de Lamalonga no mesmo caminho, ponto divisorio dos termos d'esta povoação e Villarinho-de-Agrochão; a do Lombo numa terra de pão, fóra de caminhos, que é outro signal divisionario dos mesmos termos; a dos Salgueiros situada no campo no meio de umas fragas que separa ainda os termos d'estas duas povoações e da Argana; e finalmente, outras tambem divisorias de termos collocadas nos caminhos de Samil para S. Pedro e para Alfaião.

¹ Nos *Actos proprios do tombo do termo e bens do concelho da villa de Ervedosa*, feito em 1826, lê-se: «..... e caminhando da Escoura pelo lado sul em direitura ao nascente até á fraga da Talha por onde parte como termo de Argana e d'esta pela parte de cima da Quinta até ao Cabeço das Alagoas, em cujo Cabeço se acha hum marco de cantaria com *letras* que dizem *Bragança* viradas para o logar de Villarinho, cujo marco divide o termo d'esta Villa de Villarinho e Argana». Visitei este marco e vi que a sua inscripção era como a dos marcos de que estamos tratando e no mesmo typo de lettra.

D'estes achados conclui logo que estas marras ou marcos eram destinados a dividir os termos das povoações, o que ainda era comprovado pela existencia nalguns de umas rectas que se cortavam em cruz, signal usado da sua verificação, que noutros apparecia numas pedras baixas collocadas ao lado como para as asparar, e a que vulgarmente chamam *testemunhas*. Ficando prejudicada d'esta fórma a ideia de que serviam para indicar as distancias a Braga de uma estrada, e de que fossem monumentos levantados á lua.

Apesar d'isso o enigma continuava, subsistindo as outras supposições, visto ser desconhecida a palavra—CABAR—quando noutra digressão que fiz a Lamalonga, onde, como vimos, ellas abundam mais, fui encontrar, num tapado no sitio do Cercado, por onde nunca podia passar caminho, uma fraga de granito, de fórma arredondada de mais de 2 metros de altura e de 3 de largura, e que está encostada a outra ainda de maiores dimensões, com esta inscripção numa só linha sem outro signal:

BARCA

feita em grandes letras de 0^m,3 de corpo, bem gravadas e claras, do mesmo typo que o dos marcos e tendo o C e o A ligado (CA), e que serve de limite aos termos de Lamalonga, Torre de D. Chama, Nuzellos e Villarinho.

Este descobrimento evidenciou que as inscripções das marras se deviam ler tambem —BARCA—; não estando assim nellas escriptas, porque como effectivamente notei, não cabiam na largura das suas faces todas as letras numa só linha, tendo a grandeza que lhes deram, talvez para as tornar mais legiveis e duradouras, pois que a média do seu corpo regula pela da linha superior por 0^m,15 e das da inferior por 0^m,20. E d'esta maneira ficaram sem valor todas as outras interpretações, para apparecer, por sua vez, a curiosidade de saber a origem do costume de gravarem esta e outras palavras nas pedras destinadas a marcar o limite dos termos. O que nos é explicado a pags. 541-542 do artigo de Alberto Sampaio, intitulado «As villas no norte de Portugal» publicado no n.º 23, vol. iv, da *Revista de Portugal*, de Eça de Queiroz, de 1892, em que se lê:

«..... Que esses marcos (dos romanos) se mantiveram e existiam ainda no periodo astur-leonez, não pode haver a menor duvida, visto serem mencionados vulgarmente nos D(íplomata).

Um exemplo bastará.

Afonso III (866-910) doára ao bispo Sabaricus o mosteiro de Dume com o seu territorio *per suos terminos antiquos*. No tempo do

filho Ordonho II, foi necessario por qualquer motivo identificar a demarcação antiga (D. 17). Fez-se uma *congregatio magna*: o bispo apresentou o seu documento; nomearam-se peritos—*qui solent antiquitum comprobare*; recompor o passado era a preocupação d'essa sociedade. Os peritos em presença dos magnates seculares e ecclesiasticos determinaram a linha de demarcação com a maior facilidade. Ahi acharam repetidas vezes *petras-fictas, qui ab antico pro termino fuerunt constitutas—archa petrinea ab antiquis constructa—congesta petrinea—agrim;* e outros marcos, como—*ad barca, qui sedet sculpta in petra—petra scripta, ubi dicit terminum—terra tumeda qui fuit manu facta.* São effectivamente signaes de demarcação romana ou arcas, *congesta petrinea, a petra sculpta ou scripta,* assim como tambem as *petras fictas* e a *terra tumeda*.

Este conhecimento conjuntamente com as informações referidas e a fraga do Cercado em Lamalonga elucidaram não só o destino d'estes padrões e o modo de ler a sua inscripção, mas tambem que, como parece pelo typo das letras e pelo apparecimento de alguns em termos de povoados considerados relativamente modernos, senão são de origem romana foram todavia feitos á imitação dos empregados por este povo para limitar os seus termos e territorios; ficando assim esclarecido este assunto que tinha dado ensejo a discussões muito interessantes entre individualidades, algumas da maior consideração scientifica. E a inscripção deve dizer o seu nome, cuja razão de ser será a mesma porque lhe chamaram tambem—*arcas*—e hoje—*marras*, e porque antigamente denominavam *lindes* aos marcos das propriedades e terras, que agora em algumas povoações d'estes sitios conhecem por *alfos*.

Bragança, Junho de 1899.

ALBINO PEREIRA LOPO.

Extractos archeologicos
das «Memorias parochiaes de 1758»

290. Magrellos (Entre-Douro-e-Minho)

O Castro de Arados

«No alto cacumen deste monte (*de Arados*) ha tradição muyto antiga que naquella tempo habitavão os Mouros, e daquella planicie fazião fortaleza, e ainda hoje se divizão huns vestigios pello poente dos muros da sua fortaleza». (Tomo XXII, fl. 210).

291. Maiorca (Beira)

Castello dos Mouros

«Aqui ha hũ sitio que vulgarmente se chama o Castello, e há tradição de que no tempo que os Mouros pessuirão estas terras ouve esta fortaleza, mas hoje nem signal se encontra das ruinas». (Tomo XXII, fl. 223).

292. Malhadas (Tras-os-Montes)

Vid. *O Arch. Port.*, I, 11, n.º 1.

293. Mangualde (Beira)

Castello dos Mouros

«Ha nesta minha freguezia huma serra chamada do Castello cujo nome alcançou de ser antigamente Castello de Mouros como consta de vestigios que nella se acham que vem a ser: huns muros munto Antigos que hoje se acham aruinados e postos por terra feitos e machinados de pedra meuda unida com cal e area, de que ainda existem signais, e se dis, foram fabricados por hum Mouro chamado Azuram, do qual tomou o nome este concelho de Azurara». (Tomo XXII, fl. 296).

294. Manhucellos (Entre-Douro-e-Minho)

A pedra que falla

«..... ha hum monte grande, e parte delle pertence a ella e a outras que com ella partem. O qual monte por sua grande planicie se chama Monte Deiras: e nelle ha hum espaçozo Lenteiro que fes huma mediocre agoa que da terra sobe. E dizem que he Olho marinho por terem atolado profundamente nelle bois e bestas, donde com muyto custo e trabalho se tiraram. Tambem junto e ao redor do tal monte ha outros compostos de muytas penedias. E entre elles ha hum que fas Eccho quando se fala alto, pelo que dizem os rusticos da terra, que ali está huma Moura encantada».

«..... tem para a parte do Nacente o já mencionado monte Deiras para a parte do norte e occidente hum monte bastantemente alto e cheyo de pedras chamado Boy morto, para a parte do Sul fica hum ou mais montes em hum sitio elevado abaxo do qual está o Lugar chamado o Castilho (*sic*) e na faldada dos taes montes estam as pedras já ditas, que fazem Eccho e que respondem, quando se fala alto, chamadas

por isso a Pedra que fãla: e para cima mais para o Oriente estam alguns montes elevados, e muy pedregulhozos». (Tomo XXII, fl. 309).

«Passa tambem por hum lugar chamado a Palla, antigo, populoso e aprazivel e parece que de Palas Deoza Gentilica tem o nome. E se o affecto de ser patria minha me nam soborna o animo para a inclinaçam, julgo que pelo sitio he huma das melhores prayas deste rio (*Douro*)» (Tomo XXII, fl. 312).

295. Marialva (Beira)

A cidade dos Aravos

Freguesia de S. Pedro. — «Somente tem hum lago com bastante grandeza, que conserva algumas agoas no inverno, com seos aqueductos. Com que na antiguidade (bem se deixa ver) se encaminhava a agoa para regar os campos em o sitio da Deveza onde presentemente se faz a feira, e algum dia se achava situada a Cidade de Aravos, mas tem arruinado o poderoso dominio do tempo». (Tomo XXII, fl. 373).

Freguesia de Santiago. — «E em minha Caza se conserva hũa pedra marmore quadrangular mais cumprida que larga e da grosura de meyo palmo, a qual foi achada dentro do Castello, e nella se vê esculpido hum Letreyro latino que ainda com vocabulo breues e letras já apagadas se deyxá perceber ser do tempo dos Emperadores Trajano e Adriano e existir nesse mesmo, e nesta mesma paragem a Cidade chamada Aravos¹». (Tomo XXII, fl. 378).

«Tem tambem no arabalde donde se faz a feira todos os mezes em cujo sitio há tradiçõ estivera a antiga Cidade Aravos, hũa Torre que conserva o nome — da Moura, a qual se acha já aruinada e parte de seu terraplano metido para algumas propriedades, ou campos particulares, e pellos seos fundamentos, e architectura se deyxá ver era palacio de pessoa grande». (Tomo XXII, fl. 380).

296. Marmelar (Alentejo)

Restas de um palacio

« no fundo de algumas sepulturas se acham pedras lavradas e athe ao presente nam tenho descuberto letreyro algum. Entendo que o pavimento da Igreja era aonde agora he o fundo das sepulturas

¹ É referencia á *Civitas Aravorum*, inscripção n.º 429 do *Corp. Inscr. Lat.*

e por ser a Igreja muito humida a mandaram entulhar». (Tomo XXII, fl. 403).

«Antigamente se achava nesta Aldea hum palacio junto da ribeyra que corre junto a este povoação, e dentro da mesma so se acham os alicerces, e por memoria huma torre de quatro cantos mais comprida que larga, tem o comprimento para a parte do Norte em que se contam 35 palmos e a largura para a parte do Nascente com 24 palmos de face san os cantos de pedra lavradas humas brancas e outras pardas, e a mais obra he de pedra tosca, tem 4 janelas altas as primeyras sam para o Norte e Sul em igual competencia, ou correspondencia, e as duas mais altas sam para o Nascente e Poente obra muito tosca.

Dentro da terra se acha huma abobada baycha que serve de cobertura ao pavimento aonde estão alguns potes de azeyte e serve a torre de adega para recolher as rendas do azeyte do morgado do Sr. Conde de Val de Rey; e todo o mais vam da torre he descuberto.

Antigamente tinha sobrados de madeyra mas o tempo tudo desgastou com pressa; no portal da torre se vem pedras que já serviram em outro edeficio; os meyos das ruas desta Aldea estam cheyos de alicerces, e em algumas partes se tem descuberto o solo das cazas que ali existiam tudo de ladrilho e adobes donde julgo que esta Aldea he mais antiga do que a noticia que me deram de ser fundada no anno de 1345 etc.». (Tomo XXII, fl. 405).

297. Marmeleiro (Beira)

Arcas auríferas

«Consta que muntas vezes se acha ouro em faiscas pellas areas porque no verão costumão vir homens chamados gandaeyros e alguma couza acham, mas pouco e com munto trabalho». (Tomo XXII, fl. 415).

298. Santa Martha (Entre-Douro-e-Minho)

Dolmen Forno dos Mouros

«Não tem privilegios alguns, mas sim acha-se em hum Monte, que fica perto e defronte do lugar de Portella hũa antiguidade chamada o Forno dos Mouros que consiste em tres esteyos de pedra cada hum de comprimento de duas varas de medir fora do lizerse, e por cima destes esteyos está sobreposta hũa pedra redonda, que tem de largura tambem duas varas de medir, e não se sabe quando teve principio, nem quem fez esta obra, só diz a fama que he do tempo dos Mouros,

e que foi obra sua, e não sei nem achei que haja outras couzas dignas de memoria». (Tomo XXII, fl. 431).

299. Marzagão (Tras-os-Montes)

Sepulturas. — A cidade *Aguas Quintianas*. — Castellas

«Tem hum larguo Adro em circuito com muitas comendas das Ordens Militares para conhecimento dos muitos cavalleiros, que nellas jazem interradas e muitas dellas graudades em pedra marmore de que o sitio he bem abastado». (Tomo XXII, fl. 504).

«Foi aquella villa de Anciaens¹ no tempo dos Romanos Cidade e se denominava *Aguas Quintianas* como tem Monsiú Brusen Lamartinière de nasçam Franceza no seu primeiro volume do seu Dicionario Geografico foi populloza, e nobre, e o indicão ainda os seos antigos Muros com que ainda se acha murada toda. Está no alto de hum leuantado e fraguezo monte e serra que corre do norte para o sul em distancia de cinco milhas e finaliza no rio Douro. He circuitada de bons, largos e altos Muros e no cima della e do dito Monte tem o seu grande e larguo Castello, com hũa Torre no mais alto della, chamada da Homenagem: como com mais Largueza dirá o Parocho que hora he do Divino Salvador da mesma Villa, e cuja tambem o disse quando no estado secular escreui as antigas notabellidades della em Setembro de 1721 que remetti á Academia Real e della se deram ao R.^{do} Dom Hieronymo Contador de Argote para compor os seos Tomos das mesmas Notabellidades». (Tomo XXII, fl. 505).

«Nam há Minas no destrito da dita Serra (*de Marzagão*) mas descubriose há couza de 60 annos hũa de salitre na praya do dito Rio Douro no sitio e porto da Balleira, aonde beio hum Enginheiro fazer poluora; o que não continuou ou por lhe faltar o salitre, ou pello aspero do sitio». (Tomo XXII, fl. 527).

«Tem esta serra no mais alto hum circuito de Pedra já cahido e aruinado com penedos altos dentro que se chama o Castello das Donas, por cima das fontes do Duram. E mais adiante ja a uista de Campellos está outro Cabeço a que chamam o Castello de Dom Fernando». (Tomo XXII, fl. 528).

¹ Anciaens vem de *Ansilanis*, genetivo de *Ansilá*; assim como Quintiães de *Quintilanis*, genetivo de *Quintila*, *Chintila* ou *Cintila*. É provavel que Ancião, na Extremadura, se tenha derivado de *Ansilani*; como Requião de *Rekilani* ou *Rechilani* e Aldeão de *Aldiani*. *Rekilani* e *Aldiani* não soffrem dúbida serem casos de *Rebila* e *Aldia*, talvez em dativo.

300. Mata-de-Lobos (Beira)

Sepulturas

«..... por se achar no adro della muitas sepulturas com letreiros nas suas campas que declarão ser dos seos Cavaleiros (do Templo) donde estes forão sepultados, e em outras se vem cruces formadas». (Tomo XXII, fl. 549).

301. Matança (Beira)

Pedras com varios feitiços e letreiros

«..... conta-se que o seu nome de Matança lhe pronem de hum grande choque que aqui se deu contra os Mouros e achanse muitas pedras com varios feitiços, e algumas com letreiros que se nam podem ler». (Tomo XXII, fl. 558).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Inscrições romanas do Minho

Nas suas *Cartas sobre epigraphia romana*, Braga 1898, dá o Sr. Albano Bellino noticias das seguintes inscrições:

1.ª (a pag. 26):

HE
SAC
C I V L I V

O A. interpreta a inscrição assim: [*deo*] *He(rculi) sac(rum) C. Iuliu(s)*. . . — Esta inscrição, foi encontrada pelo A. em Braga, na antiga rua de Santo Antonio.

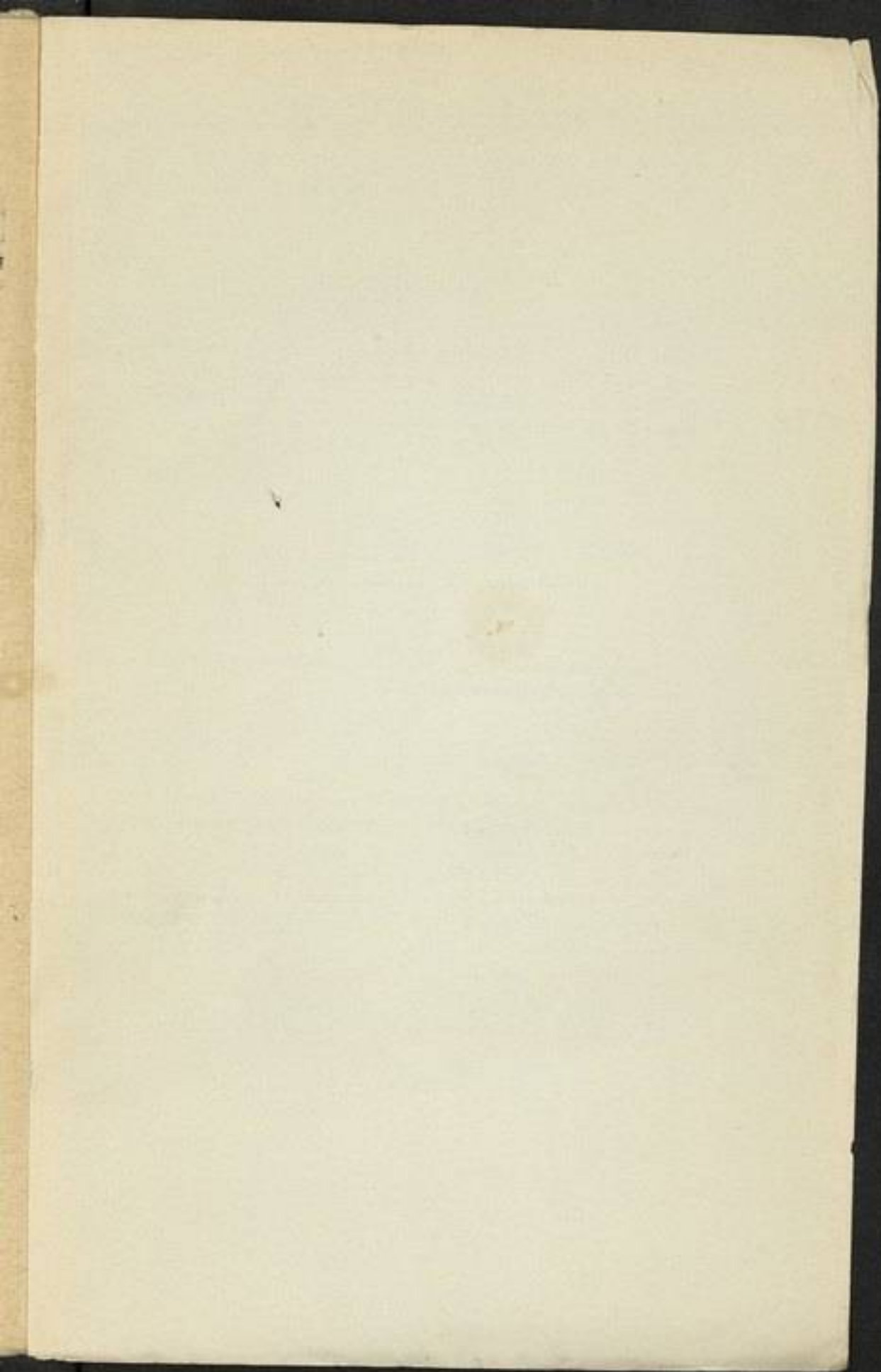
2.ª (a pag. 30):

.....
ANN
LABERIA L-F-MX
sic FILAE PIENTI

Que o A. traduziu: *Laberia Maxima, filha de Lucio, á filha piedosissima, de 10 annos de idade.* — A inscrição existe na Torre da Magueixa, freguesia do Reguengo Fetal. Este texto corrige o que foi dado no *Corp. Inscr. Lat.*, II, *Supplemento* n.º 5234.

É só assim pelo concurso de todos que a Epigraphia poderá progredir.

J. L. DE V.



EXPEDIENTE

O *Archeologo Português* publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in-8.º, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Anno.....	13500 réis.
Semestre	750 »
Numero avulso.....	160 »

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a **J. Leite de Vasconcellos**, para a *Bibliotheca Nacional de Lisboa*.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em carta registada ou em vales de correio, ser dirigida a **J. A. Dias Coelho**, para a *Imprensa Nacional de Lisboa*.

À venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.